

VIDA, TELEOLOGIA E CAUSALIDADE EM HANS JONAS

Jean Carlos Costa Lima (bolsista do PIBIC/CNPq), Helder Buenos Aires de Carvalho (Orientador, Departamento de Filosofia/UFPI)

INTRODUÇÃO

O dualismo de Descartes acarretou consequências indesejáveis para a humanidade. A separação entre corpo e espírito, pensamento e externo, fez com que a natureza se tornasse subjugada pelo homem. Com isso, Jonas, na obra *O princípio vida: Fundamentos para uma biologia filosófica*, Hans Jonas (1903-1993) procura elaborar uma teoria que recupere para a unidade psicofísica da vida o lugar de destaque.

Jonas expõe de maneira clara como o conceito de vida mudou com a revolução copernicana e o dualismo, trazendo como consequências a privação de compreensão do mundo orgânico e do seu equilíbrio com os seres vivos pelo homem. Também serão analisadas as teorias do dualismo e, com sua dissolução, as que o sucederam, de modo que se tenha uma visão de seus fundamentos e quais são as principais críticas da teoria jonasiana com relação a elas.

Assim, o objetivo é estabelecer uma conexão entre os conceitos de vida, teleologia e causalidade para que se faça jus a uma filosofia que se ocupe não só com os aspectos objetivos do ser humano, mas também com sua interpretação na autorreflexão de si mesmo.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido através da leitura do livro “O Princípio Vida” com o objetivo de fazer a conexão entre os termos vida, teleologia e causalidade, pois esses são termos essenciais na análise da teoria jonasiana no que concerne à elaboração de uma filosofia da vida. Outros textos secundários, como artigos de comentadores, serão utilizados com o propósito de enriquecer mais o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de expor sua teoria, Jonas, já na introdução, mostra os assuntos que uma filosofia da vida deve ocupar-se:

Ou seja, ela tem de ocupar-se com o organismo como forma objetiva da vida, mas também com sua interpretação na autorreflexão do ser humano: esta pertence ao número dos achados da vida, a que cada avanço da reflexão acrescenta um novo dado (JONAS, 2004, p.16).

Depois de fazer essa afirmação, Jonas avança na sua teoria analisando o conceito de vida tida pelos povos primitivos e a consequente mudança desse conceito com o pensamento dualista. Jonas avalia que com o surgimento do pensamento pan-mecanicista a vida ficou reduzida ao organismo na qualidade de um *res extensa* e com isso, ela, que antes era tida como a regra geral, com o dualismo e a revolução copernicana passou a ser a exceção.

Como o dualismo cartesiano não conseguiu resolver o problema da vida abriu-se espaço para teorias pós-dualistas (materialismo e idealismo) que também se mostraram insuficientes para resolver

o problema, pois cada um a sua maneira, materialismo e idealismo tentam solucionar o problema não mais pelo viés ontológico, mas sim ôntico. Acontece que esses monismos particulares, na busca de sua primazia, exigem para si a totalidade e excluem o outro e essa tentativa resulta em fracasso. Apesar de se mostrar insuficiente na solução do problema, Jonas considera que a visão materialista é a herdeira do dualismo e com a qual sua teoria precisa discutir, porque ao admitir o encontro com todos os outros corpos e ao submetê-los aos seus princípios, ela permite que o problema ontológico apareça.

Avançando na sua teoria, Jonas expõe que a vida é explicada pelo choque de duas forças – extensivo-intensivo – que avançando para fora, dão lugar ao conhecimento, ou seja, o conhecimento deriva da experiência do sujeito no mundo enquanto vivência da própria corporalidade, sendo a noção de percepção na natureza e causalidades importantes. Assim, a causalidade é um resultado do eu prático, de sua atividade e que seu aspecto primário é a força e os efeitos produzidos, advindos da experiência.

Percebe-se que o modelo mecanicista não se notabilizou apenas em fazer a cisão entre *res cogitans* e *res extensa*. Ele serviu de base para o nascimento da ciência moderna e para o surgimento de uma questão que inicialmente foi negligenciada pelo programa científico, mas que depois causou grande incômodo à ciência moderna pela sua dificuldade em se construir um discurso que se ajustasse às suas diretrizes: a questão da teleologia. Um dos primeiros preceitos que a ciência traz em seu programa é a negação da teleologia, isto é, das causas finais. Como negava as causas finais, a busca por tais causas ficou incompatível com a investigação científica porque as causas finais não estão ligadas à natureza do universo e sim à natureza humana. Com isso, a ideia de um arquiteto divino foi bem-vinda para o modelo mecanicista, pois assim ele não precisava explicar o funcionamento e o propósito final da matéria, ou seja, o funcionamento e o propósito da matéria haveria de realizar-se de acordo com a intenção do criador, fazendo com que se adotasse uma teleologia imanente e não transcendente.

Como o projeto mecanicista se preocupava com estruturas já prontas – o homem máquina – percebe-se que a causalidade final não está inserida na máquina humana, mas ela está manifesta em uma causalidade eficiente, ou seja, cada estrutura é considerada como um mecanismo em funcionamento, no qual, por meio de sua análise e através dos componentes elementares que formam a matéria, poderíamos explicar seu funcionamento de acordo com o modelo uniforme. De acordo com Jonas, o programa científico ainda iria encontrar percalços em seu caminho. A aplicação da ideia moderna de origem ao reino da vida em nada alcançou sucesso, pois a concepção do surgimento de estruturas sem um propósito planejador não pode ser aplicada no organismo. Assim, a ciência moderna, a partir da análise das estruturas do organismo, não poderia furtar-se da observação de que o organismo é fruto de um plano ou meta teleológica.

Com o evolucionismo, teoria que rompeu com os ditames do dualismo, os problemas da origem e da execução de um plano teleológico do organismo - encontrados no projeto mecanicista – são parcialmente solucionados. Parcialmente porque, no evolucionismo, a ideia de evolução restringia-se ao âmbito individual, e não ao surgimento da espécie. No entender de Jonas, não é o indivíduo em si que desenvolve, mas é a espécie que fornece um plano de desenvolvimento não

somente na existência do descendente, mas também na sua forma. Então, para Jonas, a teoria evolucionista também se mostrou insuficiente na formulação de uma filosofia da vida, pois, com seu caráter dinâmico, eliminou a essência imutável das espécies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao formular sua teoria, Jonas não a considera como uma solução que resolva os problemas enfrentados pelas teorias analisadas – dualismo, materialismo, idealismo e evolucionismo – mas sim uma alternativa que busque trazer uma unidade psicofísica à vida, ou seja, unir o aspecto orgânico com o espiritual, de modo que a parte subjetiva (consciência) forneça um princípio ético que se direcione a fins, isto é, um finalismo que está inserido no próprio vir-a-ser do mundo orgânico.

Portanto, com a busca de uma totalidade psicofísica e um fim imanente na natureza humana, Jonas propõe a restauração de uma perspectiva ontológica teleológica do ser, ou seja, uma nova orientação ética que mostre a existência de um fim imanente à natureza humana em que o fenômeno da vida é um bem supremo em si mesmo e, conseqüentemente, faça com que o homem reconsidere a ideia de natureza no vir-a-ser de sua existência e assim estabeleça uma relação harmoniosa homem-natureza.

Referências

EVANGELISTA, Wendell. *A renovação da teleologia em Hans Jonas: da biologia filosófica aos fundamentos da ética*. Revista Princípios (UFRN), v.17, n.28, p.47-70, 2010.

HECK, José N. O princípio responsabilidade e a teleologia objetiva dos valores. IN: SANTOS, Robinson dos (Org). *Ética para a civilização tecnológica: Em diálogo com Hans Jonas*. São Paulo: Ed. São Camilo, p.62-75, 2011.

JONAS, Hans. *O princípio vida: Fundamentos para uma biologia filosófica*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.

_____. *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad. Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. RJ: Ed. PUC-Rio, 2006.

Palavras-chave: Vida. Teleologia. Causalidade.